

A CONTADORA DE HISTÓRIAS

JODI PICOULT

A CONTADORA DE HISTÓRIAS

Tradução de
MARIA DA GRAÇA PINHÃO e JOSÉ VALA ROBERTO
JOÃO QUINA EDIÇÕES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

AGRADECIMENTOS

Este livro começou com outro: *Os Girassóis*, de Simon Wiesenthal. Enquanto estive prisioneiro num campo de concentração nazi, Wiesenthal foi levado junto do leito de morte de um soldado das SS, que queria confessar-se a um judeu e ser perdoado por ele. O dilema moral com que Wiesenthal se confrontou tem sido o ponto de partida para muitas análises filosóficas e morais relacionadas com a dinâmica entre vítimas de genocídio e os seus perpetradores — e levou-me a pensar no que sucederia se esse mesmo pedido fosse feito, décadas mais tarde, à neta de um prisioneiro judeu.

Criar um romance baseado num dos mais horríveis crimes contra a humanidade da história é uma tarefa intimidante porque, mesmo quando se escreve uma obra de ficção, a reprodução correta dos pormenores transforma-se num exercício de fidelidade para com aqueles que sobreviveram e aqueles que não sobreviveram. Estou em dívida para com as seguintes pessoas pelo apoio que me prestaram para dar vida tanto ao mundo de Sage na época atual como ao de Minka no passado.

Por me ter ensinado a fazer pão e pela mais deliciosa sessão de pesquisa da minha carreira, os meus agradecimentos a Martin Philip. Agradeço a Elizabeth Martin e à livraria One More Page Books em Arlington, na Virgínia, por me terem ensinado a usar o forno com uma finalidade perversa.

Pelos episódios acerca da escola católica, os meus agradecimentos a Katie Desmond.

Agradeço a Allyson Sawyer por me ajudar a decifrar a terminologia da dança de Darija. Por me ensinar a dinâmica de um grupo de

apoio ao luto, agradeço a Susan Carpenter. Pelas questões preliminares legais, de aplicação da lei e relacionadas com os tribunais de guerra, o meu muito obrigada a Alex Whiting, Frank Moran e Lise Gescheidt.

Enquanto escrevia este livro, propus a discussão pública do nome de uma personagem para ajudar a angariar fundos para os Advogados e Defensores de Gays e Lésbicas. Agradeço a Mary DeAngelis pela sua generosidade e por dar o seu nome à melhor amiga de Sage.

Eli Rosenbaum, diretor da Secção de Estratégia e Política para os Direitos Humanos e Acusações Especiais do Departamento de Justiça, é um autêntico caçador de nazis que arranjou tempo para me ensinar o que faz, me permitiu criar uma personagem baseada nas suas experiências e ainda conseguiu enfrentar dragões. Sinto-me incrivelmente grata por saber que alguém como ele anda por aí, incansavelmente, a fazer o que faz. (E estou grata por ele me ter permitido liberdades artísticas acerca da rapidez com que os historiadores recebem informações do NARA — National Archives and Records Administration. Na vida real, seriam dias e não minutos.)

Agradeço a Paul Wieser, que me deu a minha primeira lição sobre a história do III Reich, e a Steffi Gladebeck, que forneceu a perspectiva germânica. Mas também tenho uma enorme dívida para com o Dr. Peter Black, historiador principal no Museu-Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, que suportou as minhas perguntas intermináveis, me corrigiu com enorme paciência, me ajudou a estruturar uma educação nazi viável e leu algumas secções para me ajudar a assegurar o rigor histórico. Digo do fundo do coração que não poderia ter escrito este livro sem os seus ensinamentos.

Estou grata à Equipa Jodi da editora Emily Bestler Books/Simon & Schuster: Carolyn Reidy, Judith Curr, Kate Cetrulo, Caroline Porter, Chris Lloreda, Jeanne Lee, Gary Urda, Lisa Keim, Rachel Zugschwert, Michael Selleck e tantos outros que têm ajudado ao crescimento da minha carreira. Os meus agradecimentos à excepcional equipa de Relações Públicas de David Brown, Valerie Vennix, Camille McDuffie e Kathleen Carter Zrelak, excepcionais a pôr toda a gente tão entusiasmada como eu fico sempre por causa de um livro novo. Quanto a Emily Bestler, aprecio a sua orientação, a sua amizade, o seu

comprometimento com a minha escrita e a sua capacidade de encontrar os melhores sítios imagináveis para fazer compras na Web.

Laura Gross, feliz aniversário. Obrigada pela informação sobre Oneg Shabbat, por se deixar afetar por Sage e, acima de tudo, por ser o meu apoio.

Agradeço ao meu pai, que — é verdade! — dirigiu um Seder com a voz do Pato Donald quando éramos pequenos. Quanto à minha mãe — eu sabia que ela era temível mas, quando lhe perguntei se acaso conseguiria localizar alguns sobreviventes do Holocausto para eu contactar, recebi nomes e números de telefone no prazo de um dia. Ela preparou o caminho para este livro, o que lhe agradeço.

Contudo, é para com estes homens e mulheres que tenho a maior dívida. As investigações aprofundadas que realizei para este romance incluíram entrevistas com um grupo de pessoas assombrosas — sobreviventes do Holocausto, cujas experiências durante a guerra em guetos, em aldeias, em cidades e em campos de concentração alimentaram a minha imaginação e me permitiram criar a personagem de Minka. Embora Minka sofra horrores semelhantes aos que me foram descritos pelos sobreviventes e pelos caçadores de nazis, não se baseia em nenhuma pessoa que eu tenha conhecido ou de quem tenha ouvido falar; ela é verdadeiramente uma obra de ficção. Portanto, aos sobreviventes que abriram os seus lares e os seus corações, a minha homenagem por terem optado por partilhar as *vossas* histórias comigo. A minha gratidão vai para si, Sandy Zuckerman — que me facultou a transcrição das experiências da sua mãe, Sylvia Green, durante o Holocausto. E para si, Gerda Weissman Klein, pela sua coragem e pela sua criatividade como escritora. Obrigada, Bernie Scheer, pela sua honestidade e a sua generosidade de espírito ao relatar-me as suas experiências. E muito obrigada, Mania Salinger, pela sua intrepidez ao permitir-me examinar os muitos e variados retalhos da sua vida e por se ter tornado uma amiga muito estimada.

E, por fim, agradeço à minha família: Tim, Kyle (que teve a enorme clarividência de aprender alemão enquanto eu escrevia este livro), Jake e Samantha (que redigiu alguns parágrafos vampíricos para eu utilizar). Vós os quatro sois a história da *minha* vida.

*Para a minha mãe, Jane Picoult,
porque me ensinou que não há nada mais importante do que a família.
E porque, passados vinte anos, é de novo a sua vez.*

O meu pai confiou-me os pormenores da sua morte.

— *Ania — dizia ele —, nada de uísque no meu funeral. Quero o melhor vinho de amora-silvestre. Atenção, nada de choradeira! Quero danças. E, quando me descerem à terra, quero uma fanfarra de trombetas e borboletas brancas.*

O meu pai era uma personagem única. Era o padeiro da aldeia e todos os dias, além dos pães que fazia para a cidade, criava um único pãozinho para mim que era absolutamente exclusivo e delicioso: enrolado como a coroa de uma princesa, canela na massa e o chocolate mais opulento. Dizia ele que o ingrediente secreto era o seu amor por mim, que o tornava mais saboroso do que qualquer outra coisa que eu alguma vez tinha comido.

Vivíamos nos arredores de uma aldeia tão pequena que todos se conheciam e se tratavam pelo nome. A nossa casa era feita de pedra do rio, com telhado de colmo; o forno onde o meu pai cozia o pão aquecia a casa toda. Eu sentava-me à mesa da cozinha, a descascar ervilhas que criava na pequena horta das traseiras, enquanto o meu pai abria a porta do forno de tijolo e enfiava a pá lá dentro para retirar os grandes pães redondos, de côdea estaladiça. As brasas vermelhas resplandeciam, realçando os músculos fortes das suas costas, que transpiravam e ensopavam a túnica.

— *Não quero um funeral no verão, Ania — dizia ele. — Pelo contrário, certifica-te de que eu morra num dia fresco, quando corre uma brisa agradável. Antes de as aves partirem para o Sul, para poderem cantar para eu ouvir.*

Eu fingia tomar nota dos pedidos dele. Não me incomodava aquela conversa macabra; o meu pai era demasiado forte para que eu acreditasse que alguma das exigências que ele fazia viesse a ter de ser observada. Alguns dos outros aldeões achavam estranho o relacionamento que eu tinha com o meu pai, podermos brincar com o assunto, mas a minha mãe tinha morrido quando eu era bebé e só nos tínhamos um ao outro.

Os sarilhos começaram quando eu fiz dezoito anos. Ao princípio, só os agricultores se queixavam; às vezes alguém vinha à rua para alimentar os frangos e encontrava apenas uma explosão de penas ensanguentadas na capoeira ou um vitelo quase virado do avesso, com as moscas a zumbir à volta da carcaça.

— *Uma raposa — dizia Baruch Beiler, o cobrador de impostos, que vivia numa mansão situada ao fundo da praça da aldeia como uma joia na garganta de um membro da realeza. — Talvez um lince. Paguem o que devem e serão protegidos.*

Um dia veio a nossa casa quando não estávamos preparados para a sua vinda, e quero com isto dizer que não conseguimos barricar as portas e apagar o lume, para parecer que não estávamos em casa. O meu pai estava a moldar pães em forma de coração, como sempre fazia no meu aniversário, para que toda a cidade soubesse que era um dia especial. Baruch Beiler entrou na cozinha de rompante, levantou a sua bengala de ponta de prata e fê-la estalar na mesa de trabalho. Ergueu-se uma nuvem de farinha e, quando assentou, baixei os olhos para a massa entre as mãos do meu pai e vi aquele coração destroçado.

— *Por favor — disse o meu pai, que nunca suplicava. — Eu sei o que prometi. Mas o negócio tem andado fraco. Se me der um pouco mais de tempo...*

— *Estás em falta, Emil — disse Beiler. — Eu tenho a hipoteca sobre este ninho de ratos. — Inclinou-se para ele. Pela primeira vez na minha vida pensei que o meu pai não era invencível. — Como sou um homem generoso, vou dar-te até ao fim da semana. Mas, se não me apresentares o dinheiro, bem, não sei o que poderá acontecer. — Ergueu a bengala, fazendo-a deslizar entre as mãos como uma arma. — Têm acontecido tantos... contratemplos ultimamente.*

— *É por isso que há tão poucos clientes — disse eu em voz tímida. — As pessoas não vêm ao mercado porque temem o animal que anda por aí à solta.*

Baruch Beiler virou-se, como se reparasse pela primeira vez que eu estava ali. Os seus olhos esquadrinharam-me de alto a baixo, desde o meu cabelo escuro penteado numa única trança até às botas de cabedal que trazia nos pés, cujos buracos tinham sido remendados com grossos pedaços de flanela. O seu olhar provocou-me um arrepio, não como quando Damian, o capitão da guarda, me observava quando eu me afastava pela praça da aldeia — como se eu fosse nata e ele fosse o gato. Não, o olhar de Baruch Beiler era mais mercenário. Era como se tentasse calcular quanto eu valia.

Debruçou-se sobre o meu ombro para o suporte de arame onde arrefecia a fornada mais recente de pães, tirou uma bola em forma de coração da sua prateleira e meteu-a debaixo do braço.

— *Garantia* — *declarou e saiu da casa, deixando a porta escancarada simplesmente porque podia.*

O meu pai observou a sua saída e depois encolheu os ombros. Deitou a mão a mais uma dose de massa e começou a moldá-la.

— *Ignora-o. É apenas um pequeno homem que lança uma sombra grande. Um dia, hei de dançar a jiga em cima da sepultura dele. — Depois virou-se para mim com um sorriso que lhe suavizou o rosto. — O que me recorda, Ania, no meu funeral, quero uma procissão. Primeiro as crianças, a atirarem pétalas de rosa. Depois as damas mais belas, com chapéus de sol pintados para parecerem flores de estufa. Depois, claro, o meu carro fúnebre, puxado por quatro, não, cinco cavalos brancos como a neve. E, finalmente, gostaria que Baruch Beiler fosse no fim da parada, a limpar a trampa. — Inclinou a cabeça para trás e riu-se. — A menos, claro, que ele morra primeiro. E quanto mais depressa, melhor.*

O meu pai confiou-me os pormenores da sua morte... mas, no fim de contas, cheguei demasiado tarde.

PARTE I

É impossível acreditar seja no que for num mundo que deixou de considerar o homem como homem, que prova repetidamente que ele já não é um homem.

— SIMON WIESENTHAL, *Os Girassóis*

SAGE

Na segunda quinta-feira do mês, a senhora Dombrowski traz o seu marido morto para o nosso grupo de terapia.

Pouco passa das três da tarde e ainda estamos quase todos a encher os nossos copos de papel com café ordinário. Eu trouxe uma bandeja de biscoitos — na semana passada, Stuart explicou-me que a razão para continuar a vir às Mãos Que Ajudam não é o aconselhamento em situação de luto mas os meus bolinhos de *butterscotch* e noz-pecã — e quando acabo de a pousar, a senhora Dombrowski acena timidamente para a urna que segura nas mãos.

— Este — diz-me ela — é o Herb. Herbie, apresento-te a Sage. Foi dela que te falei, a padeira.

Imobilizo-me, baixando a cabeça para que o cabelo me oculte o lado esquerdo da cara, como faço geralmente. Não tenho dúvidas de que existe um protocolo para saudar um cônjuge que foi cremado, mas não sei qual é. Devo dizer «olá?» Apertar a pega da urna?

— Uau — digo por fim, porque, embora sejam poucas as regras neste grupo, as que temos são firmes: saber ouvir, não julgar e não estabelecer limites ao desgosto dos outros. Sei isto melhor que todos os outros. Afinal, frequento o grupo há quase três anos.

— O que trouxe? — pergunta a senhora Dombrowski e compreendo por que razão ela traz a urna do marido. Na nossa última reunião, a nossa orientadora, Marge, sugerira que partilhássemos a recordação do que quer que tínhamos perdido. Vejo que Shayla segura um par de botinhas de bebé cor-de-rosa com tanta força que as articulações dos dedos estão brancas. Ethel tem na mão um comando à

distância de televisão. Stuart trouxe — mais uma vez — a máscara mortuária em bronze do rosto da primeira mulher. Esta já esteve algumas vezes presente no nosso grupo e era a coisa mais arrepiante que eu tinha visto em toda a vida — até agora, que a senhora Dombrowski se fez acompanhar por Herb.

Antes que eu tenha de gaguejar uma resposta, Marge inicia formalmente a sessão do nosso pequeno grupo. Cada um de nós puxa para o círculo uma cadeira dobrável, suficientemente perto para poder dar uma palmadinha no ombro de alguém ou para estender uma mão em sinal de apoio. No centro está uma caixa de lenços de papel que Marge traz para todas as sessões, pelo sim, pelo não.

Muitas vezes Marge começa com uma pergunta de carácter geral — *Onde estavam quando aconteceu o 11 de Setembro?* Põe as pessoas a falar de uma tragédia coletiva, o que por vezes torna mais fácil falar sobre uma tragédia pessoal. Mesmo assim, há sempre pessoas que não falam. Por vezes passam-se meses até eu conhecer a voz de um participante novo.

Mas hoje Marge interroga-nos imediatamente sobre as recordações que trouxemos. Ethel levanta a mão.

— Isto era de Bernard — diz, esfregando o comando remoto da televisão com o polegar. — Eu não queria que fosse. Deus sabe que tentei tirar-lho milhentas vezes. Já nem sequer tenho a televisão a que pertencia. Mas não consigo deitá-lo fora.

O marido de Ethel ainda está vivo, mas tem Alzheimer e já não faz ideia de quem ela é. As pessoas sofrem todo o tipo de perdas — das mais pequenas às maiores. Podemos perder as chaves, os óculos, a virgindade. Podemos perder a cabeça, perder o coração, perder a sanidade mental. Podemos abandonar a nossa casa para ir para um lar ou podemos ter um filho que vai viver para o outro lado do mundo ou ver o cônjuge desaparecer na demência. Uma perda é mais do que a simples morte e o desgosto é o deformador cinzento da emoção.

— O meu marido apodera-se do comando remoto — diz Shayla. — Diz que é porque as mulheres comandam tudo o mais.

— Na realidade, é instintivo — diz Stuart. — A parte do cérebro que é territorial é maior nos homens do que nas mulheres. Ouvi dizer isso no programa de John Tesh.

— E é portanto uma verdade indiscutível? — Jocelyn revira os olhos.

Tal como eu, tem menos de trinta anos. Ao contrário de mim, não tem paciência para ninguém com mais de quarenta.

— Muito obrigada por partilharem as vossas recordações — diz Marge, intervindo rapidamente. — Sage, o que trouxe hoje?

Sinto a cara a arder quando todos os olhares se viram para mim. Embora conheça todas as pessoas do grupo, mesmo tendo nós formado um círculo de confiança, ainda é doloroso abrir-me e deixar-me escrutinar por eles. A pele da minha cicatriz, uma estrela-do-mar que me marca a pálpebra e a face esquerdas, fica ainda mais repuxada do que é habitual.

Sacudo as compridas madeixas que me cobrem o olho e tiro de debaixo da camisola de alças a corrente que trago com a aliança de casamento da minha mãe.

Claro que sei por que razão — três anos depois da morte da minha mãe — ainda tenho a sensação de uma espada espetada entre as costelas sempre que penso nela. É a mesma razão pela qual sou a única pessoa do meu grupo de apoio ao luto inicial que ainda se mantém. Enquanto a maioria das pessoas vem fazer terapia, eu vim em busca de castigo.

Jocelyn levanta a mão.

— Tenho um enorme problema com isso.

Fico ainda mais corada, partindo do princípio de que ela está a falar de mim, mas depois apercebo-me de que está a olhar fixamente para a urna que a senhora Dombrowski tem no colo.

— É repugnante! — diz Jocelyn. — A ideia não era trazermos uma coisa morta. A intenção era trazer uma recordação.

— Ele não é uma *coisa*, é uma *pessoa* — diz a senhora Dombrowski.

— Eu não quero ser cremado — diz Stuart meditativamente. — Tenho pesadelos em que morro num incêndio.

— Notícia de última hora: já está morto quando o metem no lume — diz Jocelyn, ao mesmo tempo que a senhora Dombrowski se desfaz em lágrimas.

Estendo a mão para a caixa de lenços de papel e passo-lho. Enquanto Marge recorda a Jocelyn, em tom bondoso mas firme, as regras do grupo, dirijo-me para a casa de banho ao fundo do átrio.

Cresci a pensar que uma perda é um resultado positivo. A minha mãe costumava dizer que era por isso que ela tinha conhecido o amor da sua vida. Tinha deixado a carteira num restaurante e um subchefe encontrou-a e foi à procura da proprietária. Quando lhe telefonou, ela não estava em casa e a companheira de quarto recebeu a mensagem. Quando a minha mãe ligou, a chamada foi atendida por uma mulher que chamou o meu pai. Quando se encontraram para ele devolver a carteira à minha mãe, ela apercebeu-se de que ele era tudo o que ela queria... mas também sabia, pelo seu telefonema inicial, que ele vivia com uma mulher.

Que, por sinal, era a irmã dele.

O meu pai morreu de um ataque cardíaco quando eu tinha dezasseis anos e a única maneira de poder alguma vez compreender a lógica da perda da minha mãe, três anos depois, é dizer a mim mesma que ela está novamente com ele.

Na casa de banho, afasto o cabelo da cara.

A cicatriz é agora prateada, franzida, repuxando a bochecha e a testa como o fecho de uma bolsa de seda. Exceto o facto de a pálpebra descair, por a pele estar demasiado repuxada, talvez não se percebesse à primeira vista que alguma coisa não está bem — pelo menos é o que diz a minha amiga Mary. Mas as pessoas reparam. Só que são demasiado educadas para fazer comentários, a menos que tenham menos de quatro anos e ainda sejam brutalmente honestas, apontando e perguntando às mães o que se passa com a cara da senhora.

Embora a ferida se tenha desvanecido, continuo a vê-la tal como era logo a seguir ao acidente: em carne viva e vermelha, um raio em zigzag que rasgou a simetria do meu rosto. Nisso, acho que sou como uma jovem com perturbações alimentares, que pesa 45 quilos mas que, quando se olha ao espelho, vê a imagem de uma pessoa gorda. Na verdade, para mim nem sequer é uma cicatriz. É um mapa que assinala o ponto em que a minha vida deu para o torto.

Ao sair da casa de banho quase estendo um velhote ao comprido. Tenho altura suficiente para ver o couro cabeludo cor-de-rosa por entre a espiral do furacão que é o seu cabelo branco.

— Estou outra vez atrasado — diz ele, com o seu sotaque britânico. — Perdi-me.

Acho que é o que nos sucede a todos. É por isso que vimos aqui: para nos mantermos presos ao que falta.

Este homem é um membro novo do grupo de apoio ao luto; só começou a vir há duas semanas. Ainda não disse uma única palavra durante as sessões. Contudo, reconheci-o logo que o vi a primeira vez; só não conseguia lembrar-me porquê.

Agora consigo. A padaria. Vai lá com frequência com a cadela, uma pequena *dachshund*, e pede um pãozinho acabado de sair do forno com manteiga e um café. Passa horas a escrever num pequeno caderno de apontamentos de capa preta, enquanto a cadela dorme aos seus pés.

Quando entramos na sala, Jocelyn está a partilhar a sua recordação: uma coisa com o aspeto de um fémur esmagado e retorcido.

— Isto era de *Lola* — diz ela, rodando suavemente entre as mãos o osso sem qualquer tratamento. — Encontrei-o debaixo da cama depois de a termos abatido.

— Afinal, porque está aqui? — pergunta Stuart. — Era só o raio de uma cadela!

Jocelyn semicerrou os olhos.

— Ao menos não a transformei em *bronze*.

Começam a discutir enquanto eu e o velhote nos instalamos no círculo. Marge usa-nos para desviar as atenções.

— Senhor Weber — diz ela —, seja bem-vindo. Jocelyn estava precisamente a dizer-nos como o seu bichinho de estimação era importante para ela. Alguma vez teve um animal de estimação que tenha amado?

Penso na cadelinha que ele leva à padaria. Partilha o pãozinho com ela: a meias.

Mas o homem fica em silêncio. Baixa a cabeça, como se estivesse a ser empurrado para se enterrar no assento. Conheço aquela atitude, aquele desejo de desaparecer.